

# Da(r) vida à formação, da(r) formação à vida

Elaine Sampaio Araujo

Doutora em Educação pela FEUSP, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba e professora do curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo/RP.  
e-mail: esaraujo@usp.br

## Resumo

Este trabalho trata da formação docente a partir da história de vida do educador. A questão será desenvolvida sob o aspecto do método (auto)biográfico, considerando a obra *A Língua absolvida - História de uma juventude*, do literato Elias Canetti. A opção em trabalhar com o texto autobiográfico de Canetti, não se deve apenas à excelência de sua escrita, à sua representatividade na literatura, mas, também, às possibilidades de utilizá-lo na formação dos profissionais em educação. A intenção é de que a leitura do autor, pelos professores, constitua-se como uma atividade desencadeadora da necessidade de recompor e ressignificar a trajetória de vida profissional e pessoal.

## Palavras-chave

Formação docente; história de vida; método (auto)biográfico.

## Abstract

This study handles the subject of teacher training beginning with the life history of the educator. The subject will be developed according to the autobiographical method, taking into consideration the book: *A Língua Absolvida – História de uma juventude (The tongue set free – A story of youth)* by the writer Elias Canetti. The option for working with the autobiographical text of Canetti is not only because of the excellence of his writing and his importance in literature but also because of the possibilities of using it in the training of professionals in education. It is the intention that the reading of this author by teachers is an activity that will set in action the need to remake and give new meaning to the path of professional and personal life.

## Key words

Teacher training; life history; autobiographical method.

... E aprendi que se depende sempre  
de tanta, muita e diferente gente.  
Toda pessoa sempre é a marca  
das lições diárias de outras  
tantas pessoas.  
E é tão bonito quando a gente entende  
que a gente é tanta gente  
onde quer que a gente vá...

(Gonzaguinha, *Caminhos do coração*)

Trazer à mesa de discussões a formação de professores, não é apresentar uma preocupação nova. Trata-se de um tema desgastado, até mesmo pela forma como tem sido abordado: procurando culpados. Condenados e absolvidos revezam-se no banco dos réus, sem direito a fala; e parece que a “justiça” nunca se concretiza. Pouca coisa muda, muito permanece. Razão pela qual o tema continua a figurar com frequência nas manchetes pedagógicas. Falar de formação fugindo do terreno infértil, onde na maioria das vezes foi plantada, é um grande e necessário desafio.

Neste trabalho, o terreno escolhido para tratar da formação docente é a história de vida do educador. A questão será desenvolvida sob o aspecto do método (auto)biográfico<sup>1</sup>, considerando a obra *A Língua absolvida - História de uma juventude*, do literato Elias Canetti.

A opção em trabalhar com o texto autobiográfico de Canetti, não se deve apenas à excelência de sua escrita, à sua representatividade na literatura autobiográfica, mas, também, às possibilidades de utilizá-lo na formação dos profissionais em educação. A intenção é de que a leitura desse autor, pelos professores, constitua-se

como uma atividade desencadeadora da necessidade de recompor e ressignificar a trajetória de vida profissional e pessoal. Poderia ser outro? Com certeza, pois o que nos interessa não diz respeito aos acontecimentos em si, mas antes aos significados a eles atribuídos, ou seja, como esses acontecimentos são interpretados e redimensionados na contemporaneidade, o que envolve um processo ativo de recordação, exercício tão bem ministrado por Canetti.

Abordar o tema de formação, valendo-se do literário Elias Canetti, não é tarefa das mais simples. O receio, com certeza, impera frente a tal empreendimento porém, mais que ousadia, necessidade. Necessidade provocada pelo próprio autor que nos coloca em contato com sua história de vida, por meio de sua obra literária. Contato esse que sugere uma determinada, ainda que imaginária, intimidade com o mesmo. Ao “ficar por dentro” de sua vida, inteirando-nos dos seus sentimentos e experiências, não há como não se tornar cúmplice, não há como não querer falar, não há como não manter um diálogo, onde quem nos ouve, por vezes, somos nós mesmos.

Como tocar no (com)sagrado Elias Canetti sem profaná-lo? Pergunta que pri-

meiro povoa o pensamento. Destituí-lo, momentaneamente, de sua "sacralidade literária" seria, talvez, ingenuidade, então, numa resposta imediata, retrucamos: não é como literário que o Canetti nos interessa, nem tão pouco com o panorama histórico que nos apresenta das primeiras décadas do século XX, embora estas realidades **sejam e tenham** que ser consideradas. No entanto, o fato do **saber** constituir-se como elemento articulador da sua narrativa e tornar-se, assim, uma presença efetiva nas mais diferenciadas abordagens que o texto sugere, é que garante sua instrumentalização por nós educadores.

É esse saber que adotamos como recorte de leitura, o que significa pensar essa obra de Canetti considerando seu autor, sem ignorar a forma como utiliza as palavras, mas com o olhar voltado para as relações com o conhecimento que ele tão bem explicita. Trata-se, portanto, da utilização dessa autobiografia como recurso no processo de formação de educadores.

Assim, o conteúdo que enfatizaremos em *A Língua Absolvida*, apresenta-se como o **saber**, ou melhor, como os saberes, acreditando que a percepção do desenvolvimento das relações estabelecidas com os saberes, permite-nos não somente conhecer a sua natureza mas, sobretudo, (re)interpretar essas relações e tomar consciência das conseqüências que tiveram, elaboração constante na obra do autor em questão:

Alguns meses depois de meu ingresso na escola, aconteceu algo solene e excitante que determinou toda a minha vida futura. Meu pai me trouxe um livro. Levou-me para um quarto dos fundos, onde

as crianças costumavam dormir, e o explicou para mim. [...] Seria fácil demonstrar que quase tudo aquilo a que devo minha formação estava nos livros que, por amor ao meu pai, li aos sete anos de idade (Canetti, 1987, p. 50).

Pensando o texto de Canetti como um "pré-texto" para a escrita biográfica dos educadores, faz-se necessário discorrer acerca da utilização desse recurso para a formação dos professores. O uso de (auto)biografia na formação de professores, obriga-nos a considerar duas questões próprias ao método: subjetividade e veracidade. Para tanto, recorremos a autores que desenvolvem o tema não só em educação como também em ciências sociais.

Servimo-nos primeiro de Franco Ferrarotti que, ao trabalhar com a questão da subjetividade, aponta para a necessidade de percebermos tanto a validade de cada história individual enquanto síntese de um sistema social, quanto à presença da objetividade por meio dos acontecimentos: "A subjectividade activa da autobiografia dilui-se na vida objectiva da biografia dos acontecimentos" (1988, p. 23). Idéia complementada por Christine Josso (1988, p. 43) para quem subjetividade implica a dinâmica de objetividade:

Assim a subjetividade em acção, efectua nos seus próprios movimentos um trabalho de objetivação, entendido aqui nos dois seguintes sentidos:

- por um lado, como passagem da actividade mental interior para a sua transmissão pela linguagem;
- por outro, como passagem de um "vivido", no qual se encontra uma aglutinação de emoções, sentimentos, imagens e idéias, a uma ordenação destes compo-

nentes, para que a narrativa seja inteligível para um terceiro.

A própria escrita torna-se assim um elemento de objetivação, já que quem escreve, escreve para alguém. O compromisso com o leitor tem que ser assumido, porém a atividade da escrita gera mais do que a objetivação. Seu alcance estende-se para o movimento de posse, por parte do autor/ator de sua história: apropria-se de seu conhecimento e manifesta essa apropriação por meio da linguagem e a linguagem, por sua vez, organiza o pensamento.

A escrita de uma (auto)biografia gera e é gerada, numa relação dialética, pela consciência reflexiva, em que a análise vai sendo elaborada simultaneamente com os dados, cabendo à linguagem organizar o próprio pensamento. Lembrando o alerta de Ferrarotti (1988) de que o objetivo de uma narrativa biográfica não é o de constituir-se como um relatório de acontecimentos, mas sim uma ação na qual se torna possível retotalizar de modo sintético sua vida. Retotalização que permite novas formas de significação dos conhecimentos adquiridos, no que pese todas as circunstâncias e pessoas envolvidas.

Ao lado da subjetividade dos relatos de vida encontra-se a questão da representatividade. Poderíamos utilizar o argumento de que cada homem é a síntese de um sistema social, no qual a "pluralidade" se manifesta por meio da própria singularidade. Ainda caberia acrescentar que cada história é **uma** história e não **a** história.

Nesse sentido, ainda que o leitor não tenha em seu "currículo" um avô conhecedor de dezessete línguas, um pai apaixonado

por teatro, muito menos uma mãe fascinada por obras literárias, alguém que lhe contasse histórias, ou então a precisão de aprender vários idiomas, mesmo que o leitor não tenha como cenário a Suíça, Inglaterra ou a Bulgária, mas qualquer outro canto do mundo, a obra de Canetti, como qualquer outra autobiográfica, nos interessa, não apenas pelos eventos em si, mas sobretudo pelo modo como eles nos são apresentados. Dominicé (1988, p. 59) é bastante feliz ao afirmar que: "não é o acontecimento em si que interessa, mas sim a importância que o sujeito lhe atribui na regulação de seu percurso e vida."

A esse respeito, Canetti (1987, p. 105) privilegia-nos com várias passagens, tomemos uma:

Se existe uma substância espiritual que se recebe nos primeiros anos de vida, a que se refere constantemente e da qual nunca nos libertamos, então a minha foi aquela motivada pelas leituras com minha mãe. Eu estava imbuído de confiança cega em minha mãe; os personagens sobre os quais ela fazia perguntas e depois me falava tornaram-se o meu mundo de tal forma que deles nunca mais consegui me separar [...] aqueles personagens formam comigo uma unidade compacta e indissolúvel. Desde aquela época, portanto desde os meus dez anos, é para mim uma espécie de dogma o fato de que eu consisto de muitas pessoas, das quais de forma alguma estou consciente. Creio que são elas que determinam o que me atrai ou repugna nas pessoas que encontro. Foram o pão e o sal de meus primeiros anos. São eles a verdadeira e secreta vida de meu intelecto.

A questão da veracidade dos relatos - verdadeiros ou falsos - não pode ser con-

siderada a mais importante no método (auto)biográfico, como não é também no campo histórico, de onde tomamos emprestada esta afirmação:

[...] conhecer e compreender o passado, seus vínculos com o presente, consiste *primeiramente* em conhecer e confrontar as narrativas que a memória histórica conservou e compôs, mas sem identificar *uma* dessas narrativas como a única que secreta a verdade histórica (Ferro, 1989, p.123, grifos do autor).

O estatuto da veracidade não cabe nas histórias de vida, pois o que mais importa, afirmamos novamente, é a própria elaboração. Ou seja, como a pessoa que escreve dá conta de si no relato e como a atividade de refazer o percurso da formação permite sua reinterpretação e, sobretudo, sua ressignificação. Significar é sempre uma forma de conhecer, ou seja, a forma como significo diz respeito ao conhecimento que tenho de alguma coisa.

Dessa forma, redimensiona-se a memória como atividade, algo elaborado por um sujeito ativo na busca de sua identidade, Canetti (1987, p.19) demonstra consciência disto:

Só estou certo de uma coisa: tenho presentes os acontecimentos daqueles anos com toda força e todo vigor- há mais de sessenta anos eles me alimentam -, mas, em sua maior parte, estão ligados a palavras que, naquela época, eu não conhecia. Parece-me perfeitamente natural que eu agora as escreva e não tenha a impressão de estar alterando ou adulterando alguma coisa. Não é como a tradução literária de um livro, de um idioma para outro; é antes uma tradução espontânea que se produziu no inconsciente, e como

costumo evitar como peste esta palavra, cujo uso indiscriminado tornou inócua, espero que me seja relevado o seu uso neste só e único caso.

Desse modo, a relação com o saber torna-se mais importante que o próprio saber, na qual o domínio da interpretação permite a compreensão. Paul Thompson, quando aponta qual deve ser a atitude dos historiadores diante das histórias de vida, em relação a veracidade, nos serve como referência:

Para cada um de nós, nosso modo de vida, nossa personalidade, nossa consciência, nosso conhecimento constroem-se diretamente com nossa experiência de vida passada. Nossas vidas são a acumulação de nossos passados pessoais, contínuos e indivisíveis. E seria meramente fantasioso sugerir que a história de vida típica pudesse ser em grande medida inventada. Uma invenção convincente exige um talento imaginativo muito excepcional. O historiador deve enfrentar esse tipo de testemunho direto não como uma fé cega, nem com um ceticismo arrogante, **mas com uma compreensão dos processos sutis por meio dos quais todos nós percebemos, e recordamos, o mundo a nossa volta e nosso papel dentro dele.** Apenas com um espírito sensível assim é que podemos esperar aprender o máximo daquilo que nos é relatado (Thompson, 1992, p.195, grifos nossos).

Esse “espírito” de que nos fala Thompson, é necessário não apenas para aprender com o que nos é relatado, mas sobretudo para aprender com o que o nosso eu nos diz, com o que nossa memória nos traz à tona e sobretudo com o que faremos a partir disso.

A memória compreendida como ato de comunicação na ausência do objeto que, por assim dizer, materializa-se, expressa então sua função social. Compreendida nessa dimensão, as lembranças, por meio dos relatos, configuram-se no terreno sensorial que, embora configuradas com palavras e imagens do tempo presente, pertencem a um tempo que não existe mais, a um tempo que é passado (Ades, 1993). Cabe acrescentar ainda que as lembranças são seletivas. Desse modo, a preocupação se volta para perceber como operam nossas recordações: recuperar é um ato do presente, e para o presente, mesmo desencantando o passado.

Razão pela qual Canetti utiliza em seu texto, do começo ao fim, a linguagem como critério para seus sentimentos. Não é por acaso que suas lembranças são sempre relacionadas com as palavras, com os nomes, dependência que o próprio autor reconhece:

Seu sobrenome era Eljakim, do qual nunca gostei; talvez o estranhasse porque não tinha o timbre espanhol como todos os outros sobrenomes (1987, p.20). (...) aliás eu dependia muito dos nomes, havia personagens que detestava só por causa dos nomes, e outros que amava pelo mesmo motivo (...) o conflito entre nomes e feitos produziu em mim uma tensão substancial, e nunca me liberei da compulsão de harmonizá-los (Canetti, 1987, p.111).

Outra ação constante do autor, nesse sentido, é a tentativa de compreender ou mesmo justificar a relação da memória com o idioma:

Entre si, meu pai falava alemão (...) Conosco os filhos, e com todos os parentes e

amigos, falavam em ladino. (...) As meninas camponesas que ficavam em nossa casa só falavam búlgaro. (...) Todos os acontecimentos daqueles primeiros anos se desenrolaram em ladino ou búlgaro. Mais tarde se traduziram, em grande parte, para o alemão (Canetti, 1987, p.19).

Não há como falar da Língua Absoluta sem considerar a dolorosa experiência vivida pelo autor com a aprendizagem da língua alemã, imposta por sua mãe. Acreditando que um idioma se aprendia falando, submeteu o pequeno garoto a sessões torturantes. Sem aparente mágoa, Canetti (1987, p. 85) comenta a respeito: "Não a preocupava o fato de eu, tão preocupado que estava, quase não comer. Considerava pedagógico o terror que eu vivia". Nesse sentido, ele procura relacionar, em uma justificativa, a atitude "carrasca" da mãe, com o momento difícil enfrentado por ela:

Só mais tarde entendi que não foi só por minha causa que ela ensinava alemão entre zombarias e torturas. Ela própria sentia uma profunda necessidade de falar alemão comigo, pois este era o idioma de sua ternura. O golpe mais profundo que sofrera em sua vida, a perda de meu pai, seu interlocutor, se manifestou com mais sensibilidade no fato de que suas conversações prediletas, em alemão, silenciaram com ele. Foi neste idioma que se desenrolou seu verdadeiro matrimônio. Sentia-se desamparada sem ele e tratou de colocar-me em seu lugar o mais rápido possível. Esta era sua maior esperança e suportou muito mal quando eu, no início de seu empreendimento, ameaçava fracassar (Canetti, 1987, p.85).

Ainda sobram interrogações: mas não poderia ter sido de outro jeito? E num paralelo com nosso sistema educacional

contemporâneo: quais são as justificativas que nossos mestres de hoje têm para utilizar métodos tão ou mais perturbadores? Como reconhecer uma intenção boa por trás de uma atitude tão ofensiva? Dá para sair ileso de situações de ensino constrangedoras e ameaçadoras?

Canetti teve sorte: encontrou alguém - Miss Bray - que, percebendo sua angústia, arriscou uma solução - o livro:

Talvez ela nunca tenha tido consciência do bem que fez e do quanto foi feliz com sua intervenção: mas essa tortura não durou, pois logo se seguiu um período de felicidade que me uniu indissolavelmente a essa língua. Também deve ter favorecido, desde cedo, a minha tendência a escrever, pois foi para aprender a escrever que conquistei o livro, e súbita melhora começou justamente quando aprendi a escrever as letras góticas (Canetti, 1987, p.85).

Dentre as tantas questões que Canetti nos fala, talvez seja a relativa à escola a mais próxima e com a qual maior identificação temos. O autor inicia suas lembranças referindo-se à sua vontade louca de aprender a ler. Na ocasião foi capaz de, num gesto impetuoso, atentar contra a vida da prima, "simplesmente" porque esta lhe negou o contato com o caderno que tanta fascinação tinha exercido sobre ele. Em relação à sua professora, a descrição é terna: "Os progressos rápidos nunca lhe interessavam. Jamais a vi nervosa ou zangada, e era tão competente que nunca tinha dificuldades com as crianças" (Canetti, 1987, p.55). O seu ingresso na escola de Zurique, onde alimentava a mania de contar, necessidade que tinha de controlar quantidades e estabelecer relações numéricas, é uma

das poucas passagens que o autor refere-se ao conhecimento matemático. O relacionamento com os amigos apresenta-se, também, mediado pelos livros: "Nossa amizade desenvolveu-se naturalmente, falávamos sobre livros" (Canetti, 1987, p. 192).

O seu desapontamento com a escola, quando das palavras secas proferidas pelo vice-diretor afirmando que ele levantava o dedo demais, além de reprimir sua participação nas aulas, tirou-lhe o prazer, obrigando-o a uma atitude cruel de renúncia: "Continuei a levantar o dedo o mínimo possível e, o que era o cúmulo da autorenúncia, às vezes guardava para mim as coisas que eu sabia e ficava sentado em silêncio enquanto aquilo me ardia no corpo todo" (Canetti, 1987, p. 244). Nesse percurso pela escola, chega aos professores: Jules Vodier, de quem primeiro fala, é definido como uma figura sinistra: "Seu rosto não tinha cor, parecia envelhecido antes do tempo, nunca o vi conversar com outro professor" (Canetti, 1987, p. 257). Mas Canetti (1987, p. 257) não é impiedoso, trata logo de apresentar a história do professor, redimindo-o:

Há muitos anos ele acompanhara, junto com outro professor, uma classe em uma excursão à montanha. Uma avalanche os soterrou. Nove alunos e outro professor pereceram; os demais foram desenterrados com vida. vodier tinha um grave ferimento na cabeça.(...) Vodier continuou vivendo, lecionando na mesma escola, com esse signo de Caim na testa.

Talvez Canetti nos impressione pela maneira com consegue lembrar-se de todos os professores, a quem dedica as últimas páginas de seu livro e as primeiras do

coração, a cada um atribui características e significados. Difícil uma crítica que não venha seguida de uma interpretação que, se não justifica a ação do professor, busca, ao menos, compreender. É com essa atitude que olha para seus professores: Karl Beck, Emil Letsch, Fritz Hunziker, Karl Fenner, Karl Schoch, Emil Walder. Percebendo a diversidade de postura pedagógica, porém identificando, em cada um, uma qualidade, numa clara manifestação de gratidão, possível pela maneira vitoriosa com que lidou com a prerrogativa de Sartre: “O importante não é o que fazemos de nós, mas o que nós próprios fazemos daquilo que fazem de nós”.

Contudo, é para Friedrich Witz que guarda sua maior declaração: “E agora viha Friedrich Witz, o segundo amor de meus anos escolares, um homem que jamais esqueci” (Canetti, 1987, p.270). Mais do que gratidão o sentimento que Canetti (1987, p. 273) demonstra por Witz repousa na admiração, na própria identificação:

No fundo só lhe importavam os escritores, com os quais nos confrontava em todas as ocasiões. [...] Não admira que Witz se tornasse, de imediato, o meu ideal... (p.271). [...] me abriu os olhos para a literatura moderna viva. Quando ele mencionava um nome, eu jamais o esquecia; tornava-se parte de minha atmosfera, à qual ele me levava consigo, e as asas que me pôs para esses vôos, sem que eu o notasse, ficaram comigo mesmo depois que ele me deixou, e agora eu empreendia meus próprios vôos, olhando, surpreso, ao meu redor.

Trata-se do reconhecimento do “mestre” que inicia o “discípulo” no exercício da autonomia. Trata-se da definição do **ser**

**professor** para ele e que fica como reflexão para nós educadores.

A primeira atitude que a leitura da obra *A Língua Absolvida* nos sugere é de passividade, manifestada por fascinação, exatamente pela excepcionalidade com que o autor lida com as palavras, movimentando-as tão harmoniosamente a ponto de nos embalar nessa cantiga que se torna a narrativa de sua vida. Face a esta habilidade artística, revelada por seus escritos que tomam forma de paisagens, sons, cores, cheiros, sentimentos, transparece o humano, onde sobretudo nos encontramos.

Seguida a esta fascinação, vem a sedução, prima-irmã da tentação, que nos provoca: agora é a sua vez... Felicidade e temor se fundem. Será que sou capaz? Por onde começar? Tenho tanto a falar! E é esse o mérito da obra de Canetti que no momento nos interessa: a “vontade” de falar, o despertar de uma necessidade de revisitar o passado, de investir em sua própria história, como pessoa e como profissional. Investimento que se dá quando o professor sente-se de alguma forma pressionado, seja pela necessidade de um determinado domínio, seja pela insatisfação com a sua prática pedagógica, ou então pela disposição em inovar.

A leitura de uma obra autobiográfica, pelos professores, pode constituir-se como mais um motivo para o professor realizar um investimento na sua formação, por meio da escrita de sua história. O exercício de escrever a própria história, ou parte dela, oferece a oportunidade de falar de si, de colocar-se a distância e analisar as prá-



ticas, de recuperar a autoconfiança. Ou seja, ao produzir a (auto)biografia produz-se a própria formação. Não uma formação que é oferecida, mas uma formação que é construída pelo e para o professor, objetivando a restauração do sentimento de domínio da própria vida. Essa formação dá-se em duas dimensões: retrospectiva e prospectiva, pelo qual passa obrigatoriamente a construção da identidade pessoal e profissional e, também, a projeção de quais caminhos seguir, num movimento que pretende da(r) vida à formação, da(r) formação à vida.

### **Nota:**

<sup>1</sup> Estamos diferenciando, na formação docente, os conceitos de autobiografia e biografia. Por autobiografia entende-se o movimento de escrita da história de vida do professor, a partir de sua iniciativa; por biografia, entende-se que tal movimento é realizado a partir da solicitação de outra pessoa.

## **Referências**

ADES, C. Múltipla Memória. *Psicologia - USP*, v. 4, números 1/2, 1993.

BUENO, B.; SOUSA, C.P.; CATANI, D.B.; SOUZA, M.C.C.C. Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre formação de professores. *Psicologia - USP*, v. 4, números 1/2, 1993.

CANETTI, E. *A língua absolvida* - história de uma juventude. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns de seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento de Recursos Humanos da Saúde - Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional. 1988.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método auto biográfico. In: NÓVOA, A.; FERRO, M. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JOSSO, C. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A.; THOMPSON, P. *A voz do passado* - história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

**Recebido em 2 de maio de 2004.**

**Aprovado para publicação em 6 de junho de 2004.**